

**COLOMBO REVISITADO: DE SUJEITO UNIVERSAL A SUJEITO  
FRAGMENTADO****REVISITED COLUMBUS: FROM UNIVERSAL SUBJECT TO FRAGMENTED  
SUBJECT**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p250-263

Luana Paiola<sup>1</sup>Valdeci Batista de Melo Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa estuda a ressignificação da figura histórica de Cristóvão Colombo no romance *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe, com o intuito de verificar as aproximações e os distanciamentos do descobridor, o herói consagrado pela historiografia e pelos romances históricos tradicionais. Assim, objetivou-se compreender a recriação do personagem sob o olhar de um estadunidense pós-moderno, comparando a visão do navegador em suas cartas, com base nas certezas na razão e verdade Ocidentais. O resultado da efabulação de Marlowe aproxima Colombo do moderno sujeito fragmentado no afã de significar a si mesmo e descobrir o mundo.

**Palavras-chave:** Metaficção Historiográfica, Teoria do Romance, *The Memoirs of Christopher Columbus*.

**Abstract:** This research studies the resignification of Christopher Columbus' historical figure in the novel *The Memories of Christopher Columbus* (1987), by Stephen Marlowe, in order to verify the approaches and distances of the discoverer, the hero consecrated by historiography and traditional historical novels. Thus, the objective was to understand the recreation of the character from the perspective of a post-modern American, comparing the navigator's vision in his letters, based on Western certainties reason and truth. The result of Marlowe's efabulation brings Columbus closer to the modern subject fragmented in the eagerness to signify himself and discover the world.

**Keywords:** Historiographic Metafiction, Novel's Theory, *The Memoirs of Christopher Columbus*.

**Introdução**

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da UNIOESTE, campus de Cascavel – PR. E-mail: luanapaiola@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2007). Docente do Curso de Letras da Unioeste/Cascavel. Docente do Mestrado Profissional em Letras (Profletras/Unioeste/Cascavel) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/ Unioeste/Cascavel), nível Mestrado e Doutorado. Membro dos Grupos de Pesquisa CNPq: Etnia, Diversidade e Gênero; Linguagem e Sociedade; e Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização. E-mail: valzinha.mello@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7623-4087>.

To live and know yourself, to strive, aware that life is short and one must die, to do what you can, to do what you must, this is man's life and his fulfillment.

Stephen Marlowe, 1961

O estadunidense Stephen Marlowe, em sua metaficção historiográfica *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), lança mão da poética pós-moderna da desconstrução para com ela ressignificar a figura história do navegador e explorador italiano Cristóvão Colombo (1451-1506). Na biografia desse autor estadunidense consta que nasceu em 1928, no Brooklyn em Nova York, com o nome Milton Lesser, mas mudou, legalmente, seu nome para Stephen Marlowe aos 50 anos. Além dos Estados Unidos, morou na França, na Espanha e na Suíça. É autor de outros romances que entrelaçam fatos históricos aos ficcionais, tais como: “*Colossus*” (1966), sobre o pintor Goya; “*The Memoirs of Christopher Columbus*” (1987) – obra analisada pelo presente artigo –; “*The Death and Life of Miguel de Cervantes*” (1991); e “*The Lighthouse at the End of the World*” (1995), sobre o autor inglês Edgar Allan Poe. Além dessas obras, foi consagrado por compor obras de ficção científica e de séries *roman noir* de romances policiais e de mistério.

Stephen Marlowe ficou conhecido por produzir um conjunto de romances policiais cujo protagonista é sempre um detetive particular, chamado Chester Drum. Seu primeiro livro com esse notável e famoso investigador foi lançado em 1955 e publicado no Brasil com o título *A Morte é a Noite Mais Longa* (1960). Ironicamente, a capa utilizada na edição brasileira corresponde na edição norte-americana à capa do livro *Danger is My Line*, décimo romance da série, que não foi publicado no Brasil, o que não é de causar espanto porque é um procedimento rotineiro na literatura trivial. Essas obras e outras demonstram o talento desse ficcionista na composição de *roman noir*, para o entretenimento das massas que desejam o retorno do mesmo (BOYER, 1997). Atendendo esse apetite, escreveu muita ficção científica publicada em revistas destinadas a jovens e adultos, no início de sua carreira. Mas sua verve não se restringiu ao *roman noir*, talvez por ter se formado em filosofia pela faculdade *William and Mary*, na Virgínia, outras inquietações foram assuntos da sua criação literária, demonstrando capacidade de escrever uma vasta obra, amplamente relacionada a questões históricas, filosóficas, sob vários pseudônimos, como Adam Chase, Andrew Frazer, C.H. Thames, entre outros.

Na epígrafe de abertura deste artigo está posta o comentário de Stephen Marlowe citando C. V. Wedgwood, conhecida historiadora inglesa: “History is lived forward but it is written in retrospect. We know the end before we consider the beginning and we can never

wholly recapture what it was to know the beginning only.”<sup>3</sup> (p. 1). Essa citação demonstra que o autor demarca seu posicionamento com relação ao histórico, ao se mostrar consciente da complexidade humana e das dificuldades da história em abarcar a totalidade dos acontecimentos vividos por uma figura histórica. O ficcionista demonstra o fosso entre o vivido e o rememorado pelas testemunhas dos fatos, quer sejam testemunhas factuais e sincrônicas, quer sejam as testemunhas diacrônicas que tomaram conhecimento dos fatos pelas histórias escritas sobre eles. Stephen Marlowe se percebe inapto para apreender os refolhos e meandros dessa incapacidade, ao se propor recontar a história de Colombo em mais uma nova edição e busca sair do imbróglio: fazendo o próprio Colombo, em seu leito de morte, dizer que ele irá escrever e contar a verdadeira edição de sua história. E, para tanto, será preciso lançar mão do discurso literário para com ele ressignificar os eventos e as figuras históricas das quais só restam vestígios e o arquivo historiográfico que guardou em sua memória. A escrita literária torna-se um possível arquivo de escrutínio e recontagem do que a rememoração julga que foi, agora, contrabalançada pelo peso que poderia ter sido, pelos olhos da contemplação e não mais da ação. Com essa focalização romanesca, o ficcionista figura Colombo com a complexidade que ultrapassa a personagem plana e a envolve em inquietações e dramas mentais obnubiladas pela historiografia.

Stephen Marlowe tinha a plena consciência de haver outras biografias e romances que narram os feitos de Colombo, plasmados dentro da visão da historiografia clássica. Nelas comparecem o Colombo como homem emblemático, desbravador, uma figura de importância mundial, tida como a proa para a compreensão da história das grandes navegações e do início da colonização das Américas. Neles o herói é um homem centrado no paradigma da modernidade, um tipo de sujeito mênada – único, capaz de em si mesmo, agir, atuar e interferir no mundo – assim com o fora representado pela historiografia. Além dos romances históricos tradicionais, como *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (1840) – de James Fenimore Cooper –, podemos encontrar muitas teses e livros sobre que buscam retratar com palavras a figura histórica, retratada pela historiografia, pela literatura, pelo cinema e pelo teatro.

Com o surgimento do *boom* da literatura latinoamericana (TROUCHE, 2005), o Colombo personagem afamado pelos feitos e construção histórica, passa a ser figurado pela poética da desconstrução, sendo visto como um colonizador e destituído de suas qualidades heroicas. Dentro de uma perspectiva pós-moderna do humano, agora não mais como senhor

---

<sup>3</sup> "A história é vivida em frente, mas escrita em retrospecto. Nós sabemos o final antes de considerar o começo e não podemos nunca recapturar completamente como era saber apenas o início."

absoluto de si, e sim como sujeito fragmentado cuja interioridade e identidade se aproximam mais de um caniço, ainda que seja um “caniço pensante”, ou “errata pensante”, como afirma Machado de Assis ao retrucar Pascal: “deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não: é uma errata pensante, isso sim” (1963, p. 127) Como protagonista autodiegético, a personagem Colombo demonstra que sabe que, embora possa fazer diversas edições da sua própria história, nunca alcançará a capacidade de elaborar a edição definitiva, totalizadora de todas as anteriores.

Sendo assim, a obra *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987) pode ser enquadrada na designação dada por Fleck (2017) como obra pertencente à “metaficção historiográfica plena”, ou seja, apresenta incompletudes estruturais e conexões entre teorias históricas, filosóficas e sociológicas, cujo propósito é de construir uma narrativa que expõe sua própria escritura, de forma dialógica e irônica, incluindo o leitor no processo formativo. No conceito plasmado por Linda Hutcheon (1991), a poética da metaficção historiográfica é a feitura da história percebida como um produto linguístico, cultural e que se inscreve nas consciências. Ao expor as artimanhas narrativas, a metaficção historiográfica trabalha no sentido de, conscientemente, mostrar características dessa construção social ao leitor. Nesse sentido,

A ficção deve superar a insatisfação que a realidade causa; deve enriquecer e completar a existência; compensar o ser humano de sua trágica condição, a de desejar e sonhar com o que não pode realmente atingir. Assim, os romances não são escritos para contar a vida, mas para transformá-la após o processo de leitura (ESTEVES, 2010, p. 10).

Dessa maneira, os autores pós-modernos e contemporâneos passaram a representar o herói como um sujeito fragmentado, assujeitado, constituído pelos sentidos com os quais tenta se afirmar, se constituir e driblar a efemeridade da condição humana, aproximando-o do humano, mas do demasiado humano, como propunha Nietzsche. Nessa visada descolonista, os mitos formativos conhecidos, divulgados e impostos pelo ideário do *establishment*, como Colombo e outros que tais, passaram a ser revistos e ressignificados, sendo desconstruídos pela poética decolonista da literatura latinoamericana a partir do *boom*. Com ela, Benítez Rojo, autor de *El mar de las lentejas* (1979) figura um outro Colombo e Augusto Roa Bastos, escreve *Vigilia del Almirante* (1992). Acrescente-se Alejo Carpentier, responsável pela escritura de *El reino de este mundo* (1949), autores que passam a fazer obras a ressignificar o Colombo emblema da historiografia. Sob essa perspectiva, a personagem é problemática, mostra suas fragilidades, incertezas e angústias, sendo possível enquadrá-lo na categoria de herói problemático, conforme Lukács (2000), para quem a vida vivida sequer chega à condição de caricatura da vida pretendida.

## 1. O romance *The Memoirs of Christopher Columbus*

O conhecimento em movimento é um modo de criação contínua; o antigo explica o novo e o assimila; e, vice-versa, o novo reforça o antigo e o reorganiza. (Gaston Bachelard)

A obra de Walter Scott, *Waverley* (1814), deu início ao que chamamos de romance histórico clássico. Nessa modalidade, aspectos ignorados pelas crônicas oficiais são trazidos à luz, mesclando acontecimentos e personagens históricos com seres oriundos da ficção, mas os fatos históricos constituem o plano principal da diegese nesse tipo de romance histórico. Esse modelo foi sendo modificado com o passar do tempo. Podemos ver essas mudanças em *Cinq Mars* (1826), de Alfred de Vigny, obra que, segundo a crítica, inaugurou o que passou a ser denominado por romance histórico tradicional (RODRÍGUES, 1991; PRIETO, 2003). Durante esse período, ainda permanece a busca por figurar os fatos históricos, dentro do plano principal da diegese romanesca, mas eles já são mais interligados às visões pessoais do autor e a criação de um discurso ideológico. O protagonista é, geralmente, um personagem já consagrado enquanto grande herói da historiografia.

Os dois primeiros momentos do romance histórico foram marcados pela narração onisciente ancorada no discurso hegemônico da história e sem o afunilamento da perspectiva, numa focalização que ao exaltar o passado, deixa de fora os entraves do presente, obnubilados pela focalização positivista. Desse processo de escrita resulta a reconstrução da época passada, que é fortemente caracterizada pela comunhão entre literatura e historiografia, a literatura é uma escrita que confirma e reproduz o discurso da historiografia. A História, ao tentar se impor como Ciência, busca se sobrepor à literatura, tida por somenos pela visão positivista. Importa mais a visão da história, como verdade a expor o que aconteceu, do que a da literatura que deveria narrar o que poderia ter acontecido, segundo Aristóteles.

A virada poética que ocorre a partir do *boom* da literatura latinoamericana alcança o mundo e com ela se busca a descolonização dos cânones, das convenções e dos países que formam a América Latina, suas culturas e línguas. Os povos subjugados e colocados à margem são figurados pelo novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1988, 1991; MENTON, 1993), como povos que lutam para se libertar, que buscam ter de volta as vozes silenciadas pelo discurso colonizador hegemônico, para tanto são alteradas as formas de escritura que passam a usar

técnicas escriturais tais como a paródia, a polifonia, a dialogia, a heteroglossia, a intertextualidade e a carnavalização, cujas raízes são barrocas. [...] Na carnavalização do barroco insere-se, traço específico, mescla de gêneros, a intrusão de um tipo de

discurso em outro [...], isto é, como indica Bakhtin, a palavra barroca não é só o que figura, mas também o que é figurado, é o material da literatura. Defrontando-se com as linguagens entrecruzadas da América – com os códigos do saber pré-colombiano – , o espanhol – os códigos da cultura europeia – viu-se duplicado, refletido em outras organizações, em outros discursos (FLECK, 2017. p. 58-59).

O experimentalismo presente na prosa latino-americana se dá pela presença da oralidade, das transformações e das rupturas. Nesse sentido, a releitura crítica realizada pelo novo romance histórico latinoamericano possibilita a percepção de que a verdade não é a absoluta, que fora retratada pelos livros da História. Esses romances desenvolvem uma forma de aproximação dialógica com o saber historiográfico, parodiando e ironizando fatos tomados por realidade única. A paródia aqui ultrapassa as dimensões de um canto paralelo (HUTCHEON, 1985).

Então, surge a teoria denominada de metaficção historiográfica por Hutcheon (1991), com distintos eixos de focalização narrativa dos quais resultam diversas perspectivas de “verdade” e afinamento da perspectiva, como se os seres, as coisas e os fenômenos da vida social pudessem ser percebidos em três dimensões que ampliaria a acuidade de visão, para com ela afirmar: a acuidade de visão é sempre datada pelo contexto sócio-histórico e cultural. Apresenta, assim, ângulos de observação que se diferenciam das demais modalidades romanescas por fundir ideologia, história e ficção. Com isso, a descrença e o desconstrutivismo pós-modernos se inter cruzam na voz do narrador, por meio de paródias e intertextualidades que compreendam o objetivo do autor.

O uso de recursos metaficcionalis aumenta o diálogo entre o narrador e seu leitor, tornando a narrativa mais complexa e extremamente crítica. A observação de um ponto de vista sob a clara percepção dos constructos linguísticos que sustentam essa narração explicita o caráter multifacetado da efetividade da vida social.

Com base nos estudos de Fleck (2017), a obra *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987) pode ser definida como metaficção historiográfica plena. Nesse sentido, a escritura se volta a “como essa história se narra e se narrou”, partindo de um narrador onipotente, que não tem amarras temporais e espaciais. Sendo assim, uma das grandes características do gênero é a utilização de recursos discursivos, isto é, “o uso de recursos metaficcionalis é constante (...) num intenso diálogo da voz que emite o discurso com seus supostos receptores.” (FLECK, 2017, p. 94).

Essa poética de o narrador dialogar e interagir com um interlocutor, seu “leitor implícito” pode ser vista no excerto, destacado a seguir: “What can I make of it? Remember, I

come before Freud and Jung and the elucidation or invention of archetypal myths.”<sup>4</sup> (MARLOWE, 1987, p. 451), ou seja, a voz que enuncia sabe que não tem o conhecimento total da realidade que sua visão, como todas as visões são perspectivadas pelas suas circunstâncias histórico-culturais e, dessa forma muito mais que verdades, apresenta problemas que a antiga concepção de verdade não alcançava. O leitor é envolvido na obra pelas interlocuções e perguntas realizadas pelo narrador, como em “‘How can this be?’ Perhaps **you** [the reader] are asking the same question [...]”<sup>5</sup> (MARLOWE, 1987, p. 273, grifos nossos). Ainda, há a auto-consciência da voz narradora, que expõe seus comentários irônicos e satíricos sobre o observar do outro e o fluir do tempo e do discurso como em

Can **you** imagine my biographer Las Casas, a pious Bishop of the meek-shall-inherit variety, mentioning any of this? No, Rome to Las Casas was the center of the world from which power flowed and to which gold flowed in return [...]. There is a philosophical point here. History flows no into but from the pen of the historian, so who can say that I am right and Las Casas wrong? (MARLOWE, 1987, p. 21, grifos nossos)<sup>6</sup>

A personagem Colombo tem consciência de que seus biógrafos não mencionariam tudo o que ele outrora pensava, queria, sabia e fazia, por isso o romance de Marlowe decide imaginar seus aspectos mais pessoais e pesados, fazendo uso de reflexões que figuram suas memórias em forma de monólogo interior. Esse expediente aproxima o leitor e com ele o ficcionista dá voz ao narratário, facultando-lhe as articulações dos pensamentos em fluxo de consciência a iluminar a mente da personagem em seus refolhos. Além disso, o narrador rememora questões filosóficas, de modo que o posicionamento ideológico do autor salte nos dizeres do protagonista, questionando a ideia de verdade – já que seu biógrafo de Colombo também produziu de acordo com seu posicionamento ideológico. O leitor pode apreciar as reflexões enviesadas de ambos.

Portanto, o romance em pauta faz um desafio ao cânone e ao construído linear e objetivamente na história oficial por meio da “(...) exposição do narrador, da natureza ideológica da historiografia e suas manipulações dos ‘fatos’ para se encaixar nos interesses dos historiadores (...)” (PASCUAL, 2006, p. 26. Livre tradução.). Nesse sentido, o narrador, livre dos ditames da linearidade temporal de sequência lógica - começo, meio e fim - dialoga com o

---

<sup>4</sup> O que eu posso fazer com isso? Lembre-se, eu venho antes de Freud e Jung e da elucidação ou invenção dos mitos arquétipos. (Livre tradução)

<sup>5</sup> Como pode ser? Talvez você (o leitor) esteja perguntando a mesma questão [...] (Livre tradução)

<sup>6</sup> Você consegue imaginar meu biógrafo Las Casas, um bispo piedoso do tipo os-mansos-herdarão, mencionando algo disso? Não, Roma para Las Casas era o centro do mundo, de onde o poder fluía e para onde o ouro fluía em retorno [...]. Há um ponto filosófico aqui. A História flui não *para* mas *da* caneta do historiador, então quem pode dizer que eu estou correto e Las Casas errado? (Livre tradução).

leitor mostrando a ele os mecanismos que constituem a estrutura do livro, como a estrutura mental de reunir lembranças, antes desconectadas, em analogias que percebem e avaliam o passado guardado na memória. Trazendo à tona, por esse motivo, a ideologia que perpassa a linguagem, pois com isso “gera uma narrativa que privilegia não apenas a (re)leitura do passado, mas a explicitação da situação enunciativa do romance, seja no que tange a sua discursividade ou a sua narratividade.” (FLECK, 2017, p. 96)

Com isso, a confluência de história, ficção e teoria é uma constante para a ocorrência de uma metaficção, por conseguinte, o grande herói – Colombo – foi inserido na diegese com intuito de desconstruir o que fora dito anteriormente sobre ele mesmo, fazendo uma nova edição da sua história, e, nela capaz de problematizar a crença na realidade do passado passível de ser plenamente conhecido pela historiografia. O excerto citado a seguir ilustra a questão, quando o narrador abala sua própria confiabilidade e põe em suspicácia a sua própria versão dos fatos: “of course, it is possible I imagined all this. In my day there was no clear demarcation between objective reality and the subjective experiences variously called metaphysical, mystical, delusional”<sup>7</sup> (MARLOWE, 1987, p. 359).

Nesse sentido, as reflexões da voz enunciativa se valem do uso de intertextos e paródias para reescrever, conforme Hutcheon (1991, p. 175), o passado inserido em um novo contexto. Em suma, “As escritas históricas hegemônicas sobre o passado sofrem um processo antropofágico na reelaboração discursiva ficcional sobre os eventos e personagens enfocados, e o resultado desse processo constitui a metaficção historiográfica” (FLECK, 2017, p. 96).

Dessa maneira, percebe-se a forte metaficcionalidade da trama, que expõe em comentários de um narrador consciente os ecos de seus conhecimentos teóricos e pré-estabelecidos. Suas crenças também se exteriorizam por meio da ironia e das interlocuções questionando o leitor e a moralidade instituída. Como homem à frente de seu tempo, a personagem de Colombo, mostra seus valores inovadores, suas dúvidas com relação à conversão e aos reis, sua fragilidade humana.

As teorias do pós-modernismo apontam que ele tem início quando a fixidez irreal dos estatutos históricos começa a ser questionada e problematizada (JAMESON, 2006). Percebe-se, com isso, a construção de uma narrativa metaficcional como forma de expor os mecanismos de escritura e de criação da “verdade” instituída, como meio de desenvolver o senso crítico do

---

<sup>7</sup> Claro, é possível que eu tenha imaginado todo isso. Na minha época não havia clara demarcação entre a realidade objetiva e as experiências subjetivas muitas vezes chamadas metafísicas, místicas, ilusórias. (Livre tradução).



leitor, para que ele perceba as ironias e falhas na história oficial como partes do processo de constituição do indivíduo herói e ser humano.

Disso resulta que a percepção do herói na presente pesquisa seja dada por meio de, inicialmente, notar que o primeiro contato com o desconhecido é permeado de ressalvas e imprecisões, por isso, a carta escrita por Colombo aos reis da Espanha retrata-o como um capitão que considera os tripulantes enquanto iguais. Para tanto, o descobridor relata em seu Diário de bordo (2006) que estava cercado de “*mucha gente de la mar*” (CÓLON, 2006, p.67), porém, para evitar o medo generalizado, omite a verdadeira contagem de milhas e mostra aos colegas que adentram o Mar Tenebroso – desconhecido, na época – a menor distância do que realmente percorrem.

Sendo assim, a personagem de Colombo retoma a imagem da figura histórica consagrada que as edições anteriores constroem de si, para, de posse dela, expor as próprias incongruências, sonhos e tentativas de realização pessoal, somadas ao afã de transcender o imposto pelas sua contingência histórica, já que as conquistas lhe garantiriam o sucesso de seu empreendimento ultramarino e a permanência de seu nome na história, o que a faria com que ele pudesse sair da esfera da biologia onde tudo fenece para entrar para a esfera da biografia, deixando registro da sua passagem humana pelo mundo. Dessa maneira, as figurações que o plasmaram como personagem plana são desconstruídas por Marlowe ao dar ao grande marinheiro a incumbência de reescrever sua própria história e de ao mesmo tempo pesá-la na balança da contemplação. Ele mesmo diz de si: “I have to get up from this bed. Tell you what. When I do get up, when I do get better, I'll write my memoirs. That's how you'll know. No memoirs and it means I died right here. But when you see what I've written, then you'll know for sure”<sup>8</sup> (1987, p. 565).

Com essa afirmação a personagem Colombo toma para si a responsabilidade de contar a sua própria história, dando ao romance uma forma de verossimilhança, que rompe com a primazia positivista da historiografia oficial, de acordo com Hutcheon, “A história não se tornou obsoleta: está, contudo, sendo repensada – como um constructo humano.” (1991, p. 16), ou seja, a história vem sendo revisitada e por meio dos romances históricos ela pode ser “recontada” sob outra perspectiva.

O pós-moderno parece coincidir com a consciência cultural geral da existência e do poder dos sistemas de representação que não refletem tanto a sociedade quanto

---

<sup>8</sup> Eu tenho que me levantar dessa cama. Vou te dizer. Quando eu levantar, quando eu ficar bom, vou escrever minhas memórias. É assim que você vai saber. Sem memórias e significa que eu morri agora. Mas quando você ler o que eu escrevi, então você terá certeza (Livre tradução).

concedem significado e valor no interior de uma sociedade particular. (HUTCHEON, 1991, p. 8) (Livre tradução).

Portanto, os valores instituídos inerentes à personagem são condizentes com a cultura em que os portugueses e espanhóis se inserem, no período das grandes navegações e da ascensão do poder católico. “Assim o romance (...) aparece como algo em devir, como um processo.” (LUKÁCS, 2000, p. 72), fazendo parte de uma ciclicidade capaz de fugir das amarras delimitadoras do espaço e tempo, como quando o narrador de Marlowe passeia pelo tempo, lembrando ao leitor da importância das grandes navegações para a história do mundo e comparando-as com a ida até a lua: “The world would see nothing quite like it until Cape Canaveral and the race for the moon.”<sup>9</sup> (MARLOWE, 1987, p. 39).

Hegel (1997), ao pensar a história de acordo com o princípio da liberdade, inseriu o grande homem ou o herói como quem age de modo a mudar o espírito de seu tempo e do mundo. Contrariando a filosofia da história positivista que pressupõe uma linearidade na evolução humana, “O que o sujeito é, é a série de suas ações.” (HEGEL, 2010, p. 139), nesse sentido, objetiva-se encontrar os móveis individuais e sociais no agir privado de cada um, para que a ação se universalize e o herói, em si, universalize-se na ação pública. Assevera, então, que a história é um processo que se dá a partir da mediação de cada indivíduo.

Com base nas ações de Colombo, na obra *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987) pode-se perceber que se o romance é um processo (LUKÁCS, 2000 p. 72) e se dá como uma construção de saberes do narrador, então ao pensar o narrador que deseja por si e pelo seu povo percebe-se que ele é, também, capaz de se universalizar na ação pública (HEGEL, 1997). Permite, assim, o avanço da consciência da liberdade, pois seu interesse particular não se distingue do interesse histórico universal, já que a personagem buscava o futuro pra todos, por meio de seu desejo privado.

Quando o herói instituído é pensado, pode-se perceber a complexidade de seu caráter por meio de suas ações humanizadas e, também, pela forma característica da construção romanesca, afinal “O romance é a forma da virilidade madura: isso significa que a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva é uma imperfeição [...] e uma resignação.” (LUKÁCS, 2000, p. 71). A compreensão da personagem perpassa, dessa maneira, a heterogeneidade e não-completude do romance em si. Assim, quando Marlowe pensa Colombo como parte constitutiva e ativa na sua própria formação, e com ela ficcionaliza a personagem histórica.

---

<sup>9</sup> “O mundo não veria nada como isso até o Cabo Canaveral e a corrida para a lua” (Livre tradução).

Outrossim, na forma do romance, de acordo com Bakhtin, o herói se constitui como entidade autônoma e se movimenta em um espaço próprio, por meio da projeção do autor (1997, p. 23-220). Isto é, Marlowe não se interessa por falar do legado de destruição e comércio de escravos, ele não analisa a glória de Colombo, mas utiliza a narração para brincar com o tempo, o espaço e a informação, simplificando a odisseia do herói, ou seja

Stephen Marlowe's simple message is that History is boring when seen as a collection of past events. The proper approach, he suggests, is to perceive it first and foremost as a source of artistic inspiration, though one never to be taken too seriously. The writer can play with names, dates, and references because the past is nothing but an invention – one novelists should draw upon.<sup>10</sup> (STAVANS, 1993, p. 77).

Dando vida ao indivíduo problemático que é Colombo, o autor, olhando sob perspectiva irônica, é capaz de mostrar um ser edificado historicamente como um ente fragmentado, incapaz de decidir sozinho ou de concordar com tudo o que lhe é imposto. Mostra-nos um Colombo que questiona os movimentos do clero, os desejos colonizadores e até a inquisição, questiona, também, as nomenclaturas e a ideia de posse que as perpassa, como em:

A word here about the so-called New World. I know that locution is preferred to my 'an Other World' –but why should it be? This world I discovered wasn't new; it was since God or whatever created them. I mean, we're dealing with two hemispheres of a single spherical planet, after all. <sup>11</sup> (MARLOWE, 1987, p. 424).

Já que o sujeito moderno não se identifica com a sociedade em que se insere, busca mudá-la, da mesma forma que a personagem de *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987), se coloca à frente de seu tempo e busca modificar os paradigmas. O herói do romance – como vive em uma sociedade complexa e se inscreve em uma cultura problemática – questiona, percebe os defeitos e visa a mudança. Nesse sentido, a vivência, o ambiente e o espaço escritural influenciam na escritura da obra e na criação do herói, que busca autoconhecimento e compreensão do todo, que é solitário e intenta a si enquanto percebe o mundo destituído de sentido pressionando-o.

Portanto, o romance, de acordo com Lukács (2000), é um gênero que surge em oposição ao processo capitalista, ao esvaziamento das pessoas, à coisificação e ao materialismo. Ao pensar Colombo, de Marlowe, nesse aspecto, percebe-se um homem que se forma na contradição, pois sempre que possível questiona o pré-instituído.

---

<sup>10</sup> A simples mensagem de Stephen Marlowe é que a História é maçante quando vista como uma coleção de eventos passados. A abordagem correta, ele sugere, é perceber ela em primeiro lugar enquanto fonte de inspiração artística, embora nunca se deva levá-la muito a sério. O escritor pode brincar com nomes, datas e referências porque o passado não é nada, mas uma invenção – à qual os novelistas deveriam recorrer (Livre tradução).

<sup>11</sup> Uma palavra aqui sobre o chamado “Novo Mundo”. Eu sei que a locução preferida, a meu ver, é “um Outro Mundo” – mas por que deveria ser? Este mundo que eu descobri não era novo; ele era desde que Deus ou qualquer que seja o tenha criado. Quero dizer, estamos lidando com dois hemisférios de um único planeta esférico, afinal. (Livre tradução)

Sabe-se, também, que quando Marlowe escreve se encontra no Brooklin, nos EUA, e acaba influenciado pela sociedade da época, tanto que cria uma personagem moderna e consciente, crítica em seu próprio tempo, capaz de perceber as vicissitudes do meio social. Nesse sentido, por ser um sujeito fragmentado, moderno, mutável, ele se assemelha ao homem real. A personagem complexa da obra descreve uma trajetória conturbada e cheia de acontecimentos questionáveis de acordo com a história, que foi meticulosamente negada e indagada por meio da obra desconstrucionista.

### **Conclusão:**

A partir da análise inicial do conceito de Metaficção Historiográfica Plena pode-se perceber as influências ideológicas que o período adiciona à obra, com isso, observamos o percurso do Romance Histórico. Em seguida, foi pensado o herói e sua constituição moderna e complexa, um ser autoconsciente e paradoxal, que, no texto, questiona o ir e vir da história, sua escritura e seu primado.

Nesse aspecto de conjunção de saberes, rememora-se Linda Hutcheon que explica que

A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios (literatura, história e teoria), ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa a ser a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado (HUTCHEON, 1991, p. 21- 22).

Por isso, pode-se compreender que a história é construída e repensada a partir de outras influências teóricas. Marlowe reescreve questões que enxerga enquanto relevantes, brinca com os pilares morais e ideológicos do passado, caminha pelo tempo de forma natural e pensada com objetivo de apreender o interesse de seu interlocutor. Para que, assim, o leitor se veja interpelado pelas ironias e perguntas retóricas, que tornam o livro – denso e complexo, devido às confluências conceituais – mais leve.

Há uma grande diferença entre Cólón histórico e Colombo, de Stephen Marlowe, já que aquele é um sujeito mônada, completo, seguro, inquestionável e este é um sujeito moderno, fragmentado, mutável, flexível – é uma personagem complexa e humana. Para tanto, a inscrição histórica de uma personagem tão intrinsecamente duvidosa e questionadora é impensável, pois seus dramas internos se sobressairiam em relação aos fatores historiográficos. A personagem histórica Colombo, ao se colocar como narrador autodiegético foi capaz de tecer críticas à historiografia e aos romances da historiografia tradicional que o retrataram como herói anterior capaz de grandes empreendimentos, ainda foi capaz de fazer radicais ataques ao discurso positivista que postula para a História uma objetividade e uma eficiência de grau zero de

intrusões de subjetividade, como se os fatos falassem por si, sem o uso da linguagem humana e das visões de mundo nela implicadas. Dessa poética resulta a deslegitimação tanto da historiografia quanto do romance da historiografia tradicional, acrescido do desafio autodestrutivo de se lançar contra os conceitos de autoridade e autoria de si mesmo como uma obra de cunho histórico que é *The Memoirs of Christopher Columbus*.

Disso resultam o esvaziamento das verdades da História e a complexidade do sujeito, muito mais realista e sincero do que Cólón em suas cartas. Nesse sentido, ao entender o romance enquanto uma luta contra os empreendimentos mercantis que desembocam nas políticas liberais, a personagem se multiplica para questionar a si mesma e a realidade que resultaram das tão sonhadas grandes navegações, no intuito de mostrar mazelas ignoradas decorrentes dessa empreitada épica.

Por fim, percebe-se a construção de um herói moderno, como sujeito que se percebe fragmentado e que vive num mundo caótico, mas que busca questionar e organizar a realidade histórica. Sendo assim, cabe mencionar que, para o narrador há a consciência dos entraves humanos entre a realização do que as grandes navegações haviam pretendido e a constatação que a vida vivida sequer fora caricatura da vida almejada e empenhada, somados ao reconhecimento da efemeridade do tempo e do saber histórico e da impossibilidade de se apropriar dum sentido último das coisas e dos eventos. Assim, “Anyway, that was all after my time though before yours. But your before is frequently my after, and we shouldn’t let it cause confusion.”<sup>12</sup> (MARLOWE, 1987, p. 273). Da leitura do romance resulta a constatação de que os acontecimentos e mundo dos homens são deveras constructos humanos no afã de fazer, ser e significar e deixar um registro da passagem pelo mundo numa edição que se aproxime o máximo da totalidade possível. Ainda que fique brechas para uma nova edição.

## Referências

AÍNSA, Fernando. El proceso de la nueva narrativa latino-americana de la historia y la parodia. *El Nacional*. n. 17, p. 7-8, 1988.

AÍNSA, Fernando. La nueva novela historica latino-americana. *Plural*, n. 240, p. 82-85, 1991.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

---

<sup>12</sup> De qualquer forma, isso tudo foi depois do meu tempo embora antes do seu. Mas os seu antes é, frequentemente, meu depois, e não devíamos deixar isso causar confusão. (Livre tradução.)

BAKTHIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: BAKTHIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP-HUCITEC, 1998, p. 397- 428.

BOYER, Alain-Michel. *A paraliteratura*. Porto: Rés-Editora, 1997.

COLÓN, Cristóbal. *Diario de a bordo*. Notas de Luis Arranz. Madrid: EDAF, 2006.

ESTEVES, Antônio. *O romance histórico brasileiro contemporâneo*. São Paulo: EDUNESP, 2010.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1985.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Princípios da filosofia do direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LUKÁCS, György. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed, 2000.

MÁRQUEZ, Rodríguez Alexis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Talleres de Anauco Ediciones, 1995.

MARLOWE, Stephen. *The Memoirs of Christopher Columbus*. London: Bloomsbury, 1987.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PASCUAL, Mônica Calvo. *Pushing the Boundaries of Historiographic Metafiction: Temporal Instability, ‘Authority’ and Authorship in The Memoirs of Christopher Columbus; with Stephen Marlowe*. *Odisea*. n° 7. p. 23-31. jun., 2006.

PRIETO, Célia Fernandes. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. Barañáin: EUNSA. 2003.

STAVANS, Ilan. *Imagining Columbus: The Literary Voyage*. Michigan: Twayne Publishers, 1993.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. Boom e pós-boom. *IPOTESI*. v. 12, n° 1, p. 119 - 133, jan./jul., 2008.

*Recebido em 09 de julho de 2021*

*Aceito em 11 de janeiro de 2022*